

Crença e conhecimento

Eduardo Ribeiro Mundim

Conhecimento e verdade estão intimamente relacionados. Por definição, conhecimento real tem de ser verdadeiro: ser real, corresponder ao que é, retratar a coisa como ela é realmente. Conhecer passa a ser importante na história da humanidade em função de diversas necessidades, incluindo as de sobrevivência imediata. É verdade que o ser humano necessita de água e alimento; sem eles, morre ou de sede ou de fome. Portanto, é conhecimento que ele deve se alimentar e ingerir líquidos. É verdade que o mercúrio não é alimento, pois sua ingestão causa a morte. Muitas vezes verdade se confunde com funcionalidade: aquilo que funciona é verdadeiro, aquilo que não funciona é falso. Se as fundações da casa em determinada profundidade a fazem imune às intempéries, é verdadeiro que tal profundidade é necessária.

É verdadeira a teoria da gravidade? O céu e o inferno existem?

Conhecimento, a partir da filosofia, é "crença verdadeira justificada"¹. Portanto, conhecimento:

- é uma crença
- a crença é verdadeira
- a crença verdadeira tem evidências para a qualificarem como um recorte fiel da realidade

Crença², que tem muitas definições ao longo da história da filosofia, pode ser definida, de modo mais simples, como o reconhecimento não-fundamentado de que uma proposição é verdadeira. Ou seja, a adesão à validade de uma afirmação qualquer. Aceito que uma afirmação, que não necessariamente está fundamentada, é verdadeira. Esta afirmação pode ser científica ou religiosa, pode ser um preconceito ou uma superstição.

Reescrevendo o conceito platônico acima, conhecimento é a aceitação de que uma proposição não fundamentada (crença) em primeiro momento se torna justificada em um segundo instante, de modo verdadeiro.

O reconhecimento de uma proposição como verdadeira necessita ser autêntico, não pretendido, não fingido.

E a justificação deste reconhecimento não pode ser subjetiva. Deve ser alicerçada em fatos, evidências, exteriores àquele que crê, e serem distintas da crença em análise.

O eixo da discussão, portanto, caminha para o que são evidências justificadoras e como estabelecê-las.

O conhecimento impõe-se por si só? Se assim o for, não é possível conhecimento real diferente sobre uma mesma questão. Exemplo simples, a existência do céu ou do inferno; ou, Jesus Cristo de fato ressuscitou? É possível conhecimento verdadeiro que seja aceito somente por uma cultura, ou por um grupo social?

Outra questão central, que precisa ser definida *a priori*: verdadeiramente ter evidências (ou bases sólidas) que justifiquem uma crença, promovendo-a a "conhecimento", exclui a possibilidade de erro? É possível se estar em uma posição de análise onde não exista o risco do erro?³

A princípio, a realidade chega ao ser humano através dos seus cinco sentidos naturais e as informações são cumulativamente transmitidas de geração a geração. A tecnologia é capaz de ampliar a capacidade e o alcance dos mesmos. Durante milênios o conhecimento era que a terra era um disco achatado, pois como seria possível ser preso a uma esfera? Como seria

possível saltar estando de cabeça para baixo (quem está no polo sul), e não sabendo que se está de cabeça para baixo?

A crença pode ser acidental e não-fundamentada, e mesmo assim, verdadeira. Mas o conhecimento impõe-se por não ser acidental e ser baseado em evidências. Mas é necessário crer na evidência. E para levá-la em consideração, deve ser lastreada por outra evidência, num jogo que pode ser sem fim. O ponto final desta regressão ao infinito seria a adoção de crenças básicas, que não careceriam de demonstração. Estas poderiam se originar da experiência sensorial, que não é uma crença, mas uma experiência. Contudo, a construção de uma experiência, sua transmissão, sua percepção racional é estruturada por conceitos. E conceitos são aprendidos e ensinados (portanto são conhecimentos), e não experimentados. O ciclo sem fim, portanto, se reinicia⁴.

Uma alternativa exigir que, para se tornar conhecimento, uma crença deve ser produzida por um processo confiável, acessível, reproduzível e que examine as alternativas possíveis que possam contradizê-la, eliminando-as.



- 1 Law S. Guia Ilustrado Zahar de filosofia. 2ª ed. Jorge Zahar Editora. RJ. 2009, pg 49-50
- 2 Abbagnano N. Dicionário de Filosofia. 1ª ed. Martins Fontes Editora. SP. 2000
- 3 Law S. Guia Ilustrado Zahar de filosofia. 2ª ed. Jorge Zahar Editora. RJ. 2009, pg 58-59
- 4 Law S. Guia Ilustrado Zahar de filosofia. 2ª ed. Jorge Zahar Editora. RJ. 2009, pg 60-61